Parte 2 – Facebook: usos no ensino superior e na formação continuada de professores

As interfaces de interação para uma aprendizagem colaborativa no Facebook

Alexandre Meneses Chagas
Ronaldo Nunes Linhares

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CHAGAS, AM., and LINHARES, RN. As interfaces de interação para uma aprendizagem colaborativa no Facebook. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 293-312. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

As interfaces de interação para uma aprendizagem colaborativa no Facebook

Alexandre Meneses Chagas

Ronaldo Nunes Linhares

Introdução

A Cibercultura, como o “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, 2010, p. 17) é responsável pela forma de criar estes novos espaços, como do surgimento da internet e de todos os dispositivos que possibilitaram o seu desenvolvimento. Os novos dispositivos informacionais tratam a informação de forma diferenciada dos antigos dispositivos midiáticos, em que disponibiliza a informação em um espaço contínuo, dependendo de como a pessoa busca. (LÉVY, 2010)

Dentre os dispositivos, temos as interfaces sociais da web 2.0 incentivam a participação das pessoas que a acessam, fazendo com que seja uma participação colaborativa, em que o conhecimento é compartilhado coletivamente por todos, independentes dos agentes autoritários e reguladores, sendo possível, em sua total utilização, a reedição dos materiais e uma co-criação. Tendo como fator

motivador a inteligência coletiva defendida por Lévy (1999), que tem como fundamento a base social, quando as ideias, as línguas e as tecnologias cognitivas são abstraídas de uma comunidade.

No caso das redes sociais, “definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2009, p. 2) a internet possibilita sua ampliação. Além disso, nessa sociedade estão disponíveis múltiplas interfaces que possibilitam formas diferentes de aprender e de, ao mesmo tempo, se relacionar com o conhecimento em rede. Para Kirkpatrick (2011, p. 45), citando Zuckerberg (2011), “tudo se resume a deixar as pessoas se expressarem; e qualquer que seja a forma que elas encontrem de usar o site, acho que está legal.” Ficando a cargo de cada um conhecer como cada interface funciona para utilizar da forma que achar mais adequada.

É neste sentido que torna-se necessário conhecer as possibilidades de interação que o Facebook apresenta ao docente para incentivar a aprendizagem colaborativa/reflexiva entre seus discentes.

Ensinar e aprender como prática colaborativo/reflexiva no ciberespaço

A aprendizagem, pode ocorrer tanto dentro de uma perspectiva de educação formal, quando a escola utiliza dessas interfaces em seu programa educacional ou, na educação informal, em que os usuários podem aprender em ambientes informais de aprendizagem. Porém, nem todos possuem conhecimento e a facilidade de encontrar a forma correta de utilizar estas interfaces no âmbito educacional, principalmente quando se trata de aprendizagem colaborativa.

Estamos numa sociedade ainda em construção. Uma sociedade dominada pela relação ciência/tecnologia, em constante processo de reestruturação econômica e produtiva e, (re)construindo uma nova relação com a cultura, através da cibercultura e educação, com

as formas colaborativas de aprender, relacionadas ao processo de construir, publicizar e consumir informação e conhecimento. Nesta sociedade cresce o papel das tecnologias intelectuais, que proporcionam novas relações do sujeito com a informação tais como: navegabilidade, hipertextualidade, busca, localização espacial, mapas e sistemas de dados, simulação entre outras. O que Levy (1999, p. 31) destaca como “uma verdadeira industrialização da experiência de pensamento, que não pertence nem à dedução lógica, nem à indução a partir da experiência”.

Pra este autor,

Devido ao fato de que essas tecnologias intelectuais, sobretudo as memórias dinâmicas, são objetivadas em documentos digitais ou em softwares disponíveis em rede (ou de fácil reprodução e transferência), elas podem ser partilhadas entre um grande número de indivíduos, incrementando, assim, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos. O saber-fluxo, o saber-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva estão modificando profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que deve ser aprendido não pode mais ser planejado, nem precisamente definido de maneira antecipada. (LEVY, 1999, p. 157).

Considerando esta fluidez no que deva ser aprendido, o processo de planejamento e definição de estratégias de ensinar e aprender, devem ser revistos enquanto processos predefinidos. Devemos pensar sobre, com e a partir dos novos espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxos, não-lineares, que se reorganizam conforme os objetivos ou contextos e nos quais cada

um ocupa uma posição singular e evolutiva a exemplo das redes e de seus processo colaborativos.

Como ainda observa Levy (1999, p. 166) “Destotalizados o saber flutua”. Como mediadores da aprendizagem, os dispositivos digitais permitem e intensificam a partilha de informações, constituindo o saber fluxo, um aprendizado colaborativo, onde juntos, alunos e professores mobilizam em comum recursos, informações, imagens, atualizando seus saberes disciplinares, pedagógicos e de formação (LEVY, 1999).

Assim, a colaboração, entendida como uma filosofia de interação e um estilo de vida social, em que cada um é responsável pelas suas ações, inclusive pela sua aprendizagem (PANITZ, 1997). Vai além de uma simples técnica utilizada dentro da sala de aula como geralmente é compreendida a aprendizagem cooperativa. Fundamentadas na teoria construtivista de Piaget e sócio interacionista do Vigotsky, nas aprendizagens colaborativas e cooperativas o conhecimento é descoberto pelos discentes e podem transformá-los dentro de um relacionamento que tem com esses conhecimentos e outros discentes. O aprendizado se dá por meio do diálogo entre os envolvidos em um ambiente social. Os discentes aprendem a compreender e apreciar diferentes perspectivas através de um diálogo com os membros do grupo. (PANITZ, 1997)

Citando Dewey, Oxford, (1997, p. 447) transcreve que “os alunos não aprendem de forma isolada, o indivíduo aprende por fazer parte da envolvente comunidade e no mundo como um todo.”¹ Seguindo as teorias de Dewey, Schön (2000) coloca que o discente aprende fazendo, e que, os docentes devem ser mais orientadores para o conhecimento, dentro da formação para um profissional reflexivo, em que o próprio discente poderá refletir acerca de suas ações descobrindo o que contribui ou não para a sua aprendizagem.

1 “In Dewey’s view, learners do not learn in isolation; the individual learns by being part of the surrounding community and the world as a whole.” (OXFORD, 1997, p. 447)

Essa aprendizagem reflexiva, defendida por Schön (2000), trabalha a perspectiva de que ao refletir sobre as suas práticas esses profissionais possam desenvolver seus pensamentos e ações.

Na proposta de um ensino mais reflexivo, os profissionais “terão de aprender a refletir sobre suas próprias teorias tácitas, os professores das disciplinas sobre os métodos de investigação; os instrutores sobre as teorias e os processos que eles trazem para sua própria reflexão-na-ação.” (SCHÖN, 2000, p. 23) Em busca dessa reflexão, os profissionais devem perceber que segundo Schön (2000, p. 31) “[...] o ato de conhecer esta na ação.”, levando a um conhecer na ação que é um processo dinâmico, enquanto os “fatos, procedimentos e teorias” são estáticos.

Para Schön (2000, p. 39),

Aprender a prática por conta própria tem a vantagem da liberdade – liberdade para experimentar sem os limites das visões recebidas de outros. Mas também oferece a desvantagem de exigir que cada aluno reinvente a roda, ganhando pouco ou nada da experiência acumulada de outros.

Sendo assim, temos na aprendizagem colaborativa uma vantagem quando consegue incorporar a ideia da aprendizagem reflexiva, quando o grupo consegue refletir sobre as suas práticas. Esse aprender a prática através de estratégias práticas tem a característica de aprender fazendo, em que geralmente o ambiente virtual para este aprender é um espaço controlado e com baixo risco, um mundo virtual, que está livre das pressões e distrações do mundo real (SCHÖN, 2000).

Para Schön (2000, p. 30) “Capacitar-se no uso de uma ferramenta é aprender a apreciar, diretamente e sem raciocínio intermediário, as qualidades dos materiais que apreendemos através das sensações tácitas da ferramenta em nossas mãos.” Crook (1998,

p. 277) coloca que “O desenvolvimento de uma tecnologia para apoiar a experiência colaborativa de aprendizagem é, em parte, desenvolver maneiras de fornecer recursos para a atividade conjunta no lugar onde surge o problema.”²

O Facebook: das rotinas as possíveis rotas de aprendizagem

A primeira interface é o Bate-papo, mensagem ou chat, que configura um espaço de troca de mensagens através do Facebook. Neste tipo de interação não exige que a comunicação seja apenas síncrona, podendo ser também assíncrona (neste caso são deixadas mensagens para quando o outro participante acesse o Facebook e visualize as mensagens), este fato de ser tanto síncrono como assíncrono potencializa esta interface. As mensagens podem ser em grupos de até 250 pessoas, o que facilita a gestão de determinada conversa. Outra forma de interação possível no Facebook são as postagens e os comentários destas postagens. Nas postagens podem ser colocados textos, links, imagens, áudios e vídeos; podendo mesclar texto com (links, imagens ou áudios ou vídeos).

Os grupos do Facebook, se caracteriza como uma área disponível na interface em que um usuário (discente ou docente) poderá criar no momento que achar necessário. Os membros de um grupo não são necessariamente uns amigos do outro (ou que exista conexão anterior entre eles), o que possibilita uma troca de conhecimentos entre pessoas sem links na rede e a formação de novas conexões em suas redes. Dentre as características de um grupo no Facebook o mesmo poderá ser do tipo: **Aberto**, tanto o grupo, os participantes, como as publicações deste grupo, estão visíveis e

2 “El desarrollo de una tecnología que apoye la experiencia colaborativa en el aprendizaje consiste, en parte, en desarrollar la forma de proveer de recursos a la actividad conjunta en el lugar en el que surge el problema.” (CROOK, 1998, p. 277)

o mesmo poderá ser achado na busca do Facebook; **Fechado**, o grupo e os participantes estão visíveis, mas quem não faz parte do grupo não pode visualizar as publicações. Qualquer um pode solicitar participação neste grupo, mas tem que ser autorizado pelo administrador do grupo e o **Secreto**, somente quem está participando sabe da existência do grupo e das postagens do mesmo, neste tipo somente o administrador pode incluir um novo participante, que não pode recusar a inclusão, mas pode sair do grupo quando desejar. Ele não é encontrado na pesquisa do Facebook. A escolha do tipo de grupo é importante, pois como perceberam ele limita algumas ações, mas a qualquer momento o tipo de grupo poderá ser alterado.

Uma vez criado o grupo encontramos alguns recursos disponíveis que podem contribuir com o trabalho colaborativo. Porém, antes de iniciar os trabalhos recomenda-se que seja feita a configuração do grupo, a fim de evitar alguns transtornos. Para realizar a configuração do grupo deve clicar sobre o ícone da * [roda dentada] no canto superior direito do grupo e depois em [Editar configurações do grupo], como pode observar na Figura 1.

Figura 1 – editar configurações do grupo

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Ao acionar a edição do grupo terá acesso a algumas áreas de configurações como: 1 - nome do grupo, 2 - privacidade, 3 - aprovação de adesão, 4 - endereço do grupo, 5 - descrição, 6 - marcações, 7 - publicando permissões e 8 - aprovação de publicações. Qualquer uma destas opções pode ser modificada a qualquer momento, ficando as novas regras valendo a partir da data da modificação. A primeira opção é para determinar o nome do grupo e o ícone que irá representar o grupo, procura-se escolher um nome que esteja ligado com a proposta a ser trabalhada para facilitar a identificação por parte dos membros. A segunda opção trata da escolha da privacidade do grupo, em que poderá escolher entre: Aberto, Fechado ou Secreto, como já descrevemos anteriormente as suas características. A terceira opção é a Aprovação de adesão, em que poderá escolher entre duas opções: uma em que qualquer membro do grupo poderá adicionar ou aprovar novos membros; lembrando ser esta a opção marcada por padrão na criação dos grupos, a permanência desta opção torna-se perigosa quando a proposta do trabalho é restrita a um grupo, pois os membros podem esquecer a proposta e ir convidando seus amigos. Mas caso a proposta seja ampla esta é a opção ideal. A outra opção é que qualquer membro pode adicionar, mas precisará da aprovação de um administrador para que este novo membro faça parte do grupo. Esta opção é a mais indicada no caso de grupos controlados.

Figura 2 - aprovação de adesão no grupo do Facebook

Aprovação de adesão: Qualquer membro pode adicionar ou aprovar membros.
Qualquer membro pode adicionar membros, mas é necessário que um administrador os aprove.

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Como já mencionado anteriormente, a possibilidade de postagens e comentários pelos participantes, desde que a configuração do grupo permita. Este recurso é um dos mais ricos para o processo de construção do conhecimento, por possibilitar o início de uma discussão acerca de determinada temática e com as

postagens o desenvolvimento desta discussão. Lembro que estes recursos dependem da participação dos membros do grupo que irão retroalimentar o grupo com suas postagens e comentários. A quarta opção é criar um endereço do grupo, que na verdade é um e-mail para que os membros do grupo possam enviar mensagens que serão adicionadas ao grupo como postagens. Ao enviar uma postagem pelo e-mail todos os membros recebem notificações da mensagem e podem responder o e-mail, configurando assim um comentário da postagem. Esta é a única opção das configurações que depois de definida não pode ser alterada, ver Figura 3. E só os membros do grupo podem publicar através do e-mail, caso outra pessoa que não pertença ao grupo enviar um e-mail este não será incluído como postagem. O uso do e-mail serve para locais em que o acesso ao Facebook é restrito e tanto o docente como o discente poderá participar, mesmo sem acesso direto ao Facebook, não prejudicando a sua participação.

Figura 3 - configuração de e-mail do grupo do Facebook

The image shows a dialog box titled "Configurar endereço de e-mail e da Web para o grupo". It contains a text input field for an email address, followed by "@groups.facebook.com". Below the input field, there is explanatory text: "Os e-mails enviados à este endereço serão recebidos por todos os membros do grupo. Se você deseja que as pessoas encontrem seu grupo, forneça-lhes o endereço da Web: facebook.com/groups/." At the bottom right, there are two buttons: "Definir endereço" (highlighted in blue) and "Cancelar".

Fonte: Site de redes sociais Facebook

A quinta opção é a descrição do grupo, nesta área deverá colocar a proposta do grupo, pois dependendo da configuração de privacidade é visualizado pelos usuários que não pertencem ao grupo, no caso de ser um grupo Aberto ou Fechado. A sexta opção são as marcações, que na verdade são palavras-chave para a identificação

do grupo. Na sétima opção temos a possibilidade de alterar as permissões de publicação, escolhendo quem pode publicar no grupo, ver Figura 4. Dentre as opções temos a possibilidade de permitir que apenas os administradores publiquem no grupo, neste caso os membros só podem comentar as publicações. Pode ser utilizado nos casos em que o Discente irá direcionar as postagens, mais voltada para a cooperação. Ao optar pela opção em que membros podem publicar, está permitindo uma maior colaboração.

Figura 4 – configuração de permissões de publicação no grupo do Facebook

Publicando ☒ Apenas membros podem publicar neste grupo.
permissões: ☐ Apenas administradores podem publicar no grupo.

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Já na última opção temos a aprovação de publicações, ao marcar, todas as publicações terão que ser aprovadas pelo administrador. Ao optar por manter marcada esta opção terá um controle sobre o que está sendo publicado, caso deixe esta opção desmarcada e a anterior como membros podem publicar, não tem como gerenciar o que está sendo publicado, mas é a configuração que melhor possibilita uma colaboração.

Uma vez configurado o grupo, chega a hora de inserir as informações básicas sobre o projeto que irá desenvolver. Verifiquei no menu superior direito do grupo a opção [sobre], ver Figura 5, nela deve constar a descrição do grupo, o texto deve identificar qual a proposta do projeto, nesta área não necessita ser muito detalhado, pois poderá utilizar outra área [arquivos] para inserir mais informações.

Figura 5 – área sobre do grupo do Facebook

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Ainda na área sobre está disponibilizado a relação dos membros do grupo, local que possibilita fazer uma busca de um determinado membro, enviar mensagem (ver Figura 6) para os membros ou adicionar novos membros. Esta área ajuda na gestão do grupo, em que podemos enviar a mensagem para alguns ou para todos de uma só vez (basta selecionar na parte inferior – Selecionar todos).

Figura 6 – enviando mensagens aos membros do grupo do Facebook

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Em alguns casos podemos ter monitores ou alguns discentes que podem nos auxiliar nas tarefas de organização do grupo, para isso devemos colocar estes membros como administradores como pode verificar na Figura 7. Ao tornar um membro administrador do grupo ele terá todas as permissões de quem criou o grupo, poderá modificar todas as configurações do grupo.

Figura 7 – tornando um membro em administrador do grupo

Fonte: Site de redes sociais Facebook

A área de arquivos permite carregar arquivos do computador, ou criar um novo documento, como pode perceber na Figura 8. O Facebook separa os dois tipos que podem ser filtrados pela opção na área esquerda (como apenas documentos, apenas arquivos ou tudo) estas alternativas facilitam a visualização e a busca de documentos e arquivos. Os arquivos podem ser em qualquer formato até o tamanho de 25MB, e no momento da submissão é solicitada uma descrição sobre o arquivo. A utilização da descrição ajuda a identificação do conteúdo do mesmo. Estes arquivos se estiverem em formato de arquivos editáveis em que os membros possam baixar e modificar o arquivo, ele poderá novamente submeter uma nova versão do arquivo e o grupo manterá um histórico das versões, tornando assim uma forma de criar uma criação colaborativa, em que se tem o controle do que está sendo produzido e por quem, sendo possível recuperar as versões anteriores.

Figura 8 – área de arquivos no grupo do Facebook

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Já na opção Documento é disponibilizada uma área de texto para a criação de um novo documento como na Figura 9. Esta área permite a criação de documentos colaborativos, em que os membros do grupo podem construir um texto de forma colaborativa. Porém, a limitação deste editor de texto disponibilizado pelo Facebook limita a atuação de uma colaboração mais eficaz, pois, ele só permite texto com poucos recursos visuais, como: negrito, itálico, sublinhado, listas, marcações e destaque. Além de possibilitar que membros possam editar os documentos o recurso deixa a desejar se pensamos em utilizar para uma construção colaborativa, por não possuir um controle que informe qual membro incluiu ou alterou determinado trecho do documento, ele não facilita a gestão da colaboração, além de não possibilitar a inserção de imagens e textos em cores ou formatações de tipos de letras diferentes. Deixando o documento pouco atraente para uma colaboração.

Figura 9 – área de criação de um novo documento no grupo do Facebook

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Outro recurso é a criação de eventos para o grupo, a criação de um evento pode estar ligada a uma etapa do projeto a qual deve ser lembrada ou que necessita da confirmação da participação dos membros. Nas etapas da criação do evento algumas informações são essenciais, como: o nome do evento (deve colocar um nome que esteja ligado diretamente a etapa do projeto, para facilitar a identificação por parte dos membros); detalhes (aqui deve detalhar o que será o evento, colocar as informações necessárias); poderá colocar o local do evento; a data e hora; a privacidade (deverá deixar a opção do grupo) e marcado para convidar todos os membros, a não ser que este evento seja apenas para alguns membros do grupo. Neste caso deverá desmarcar a opção e entrar no evento para convidar os membros que deseja. Ao receber a notificação de um evento o membro poderá optar por: participar; talvez ou recusar, além de comentar no evento. Estas informações ajudam a organizar e confirmar a participação dos membros na atividade do projeto.

Figura 10 – criando um evento no grupo do Facebook

Marketing - Alfa Sobre Eventos Fotos Arquivos

Eventos + Criar evento

Hoje

Não há nenhum item agendado para hoje.

Criar novo evento para o grupo Marketing - Alfa

Nome: por exemplo: Festa de aniversário

Detalhes: Adicionar mais informações

Onde: Adicionar um local?

Quando: 10/9/2013 Adicionar horário?

Privacidade: Marketing - Alfa

☒ Convidar todos os membros

Criar Cancelar

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Na área de Fotos, ver Figura 11, é possível disponibilizar imagens e vídeos e criar álbuns, que podem ser criados por áreas temáticas para serem trabalhadas dentro do contexto do projeto. Ao enviar as fotos ou vídeos elas podem ter descrições e no caso das fotos marcações de membros do grupo caso seja necessário.

Figura 11 – área de fotos e vídeos do grupo do Facebook

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Outra opção interessante é a criação de perguntas, ver Figura 12, que na verdade são enquetes dentro do grupo. Durante a criação da pergunta pode optar por permitir que os outros membros adicionem uma nova opção de resposta da pergunta ou não. Este recurso pode ser utilizado de forma colaborativa em que pode criar a pergunta e solicitar que os membros coloquem as opções de respostas, seria criar de forma colaborativa um questionamento que seria respondido por eles.

Figura 12 – área de perguntas do grupo do Facebook

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Caso os membros do grupo necessitem realizar uma busca sobre determinado tema ou palavra-chave dentro do grupo, basta utilizar a busca do grupo, que fica localizada na parte superior direita da tela, ver Figura 13.

Figura 13 – busca dentro do grupo do Facebook

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Ao realizar a busca são recuperados todas as postagens e comentários que contenha o termo pesquisado, que aparecem com uma marcação de texto no termo da pesquisa. Ao clicar na opção desejada é direcionado a postagem ou comentário relacionado a escolha realizada.

Figura 14 - resultado da busca (marketing) no grupo Marketing - Alfa

Fonte: Site de redes sociais Facebook

Este recurso permite a recuperação das informações que estão no grupo, as informações do grupo, independente de seu status de permissão, só é encontrado pelo sistema do grupo do Facebook, não sendo indexado pelos buscadores da web, tipo: Google, Bing e outros.

À guisa de conclusão

Além de saber utilizar as interfaces, os discentes necessitam conhecer estratégias que irão potencializar suas práticas com estas interfaces e contribuir para uma boa colaboração.

Uma boa estratégia para os docentes é disponibilizar uma relação de sites, blogs e sugerir canais e pessoas que disponibilizam vídeos que tratem das temáticas abordadas em suas disciplinas, contribuindo para a ampliação de informações sobre a temática, podem questionar que todos terão as mesmas informações ao seguirem as mesmas páginas, mas qual o problema nisso, pelo contrário, pode até gerar discussões no grupo fechado do Facebook ou na sala de aula.

Para chamar atenção dos discentes, os docentes devem utilizar imagens impactantes juntamente com textos atrativos, como se fossem chamadas de jornais, podendo também fazer uso de vídeos como isca para textos mais complexos, sempre acompanhados de links para outros textos ou arquivos.

O grupo fechado do Facebook permite um controle ao avisar quem visualizou a postagem (✓), sendo assim uma forma de controlar e comprovar se os discentes estão pelo menos entrando no grupo fechado do Facebook. Recurso este que pode ser utilizado pelo docente para acompanhar quem de fato está tendo acesso às postagens e poder incentivar citando o nome de um discente nos comentários ou postagens, pois assim ele receberá um aviso que você citou ele, o que contribui para a sua participação. Sempre utilizar este recurso de forma moderada, sem exagero, como colocar o nome de todos os discentes no mesmo comentário.

Sempre que o docente identificar algum comentário ou postagem que incite uma discussão, deverá ficar atento para não deixar a oportunidade passar. Neste caso deverá usar a técnica anterior de citar o nome de um discente perguntando o que ele acha do que acabou de ser questionado. Além de levantar questionamentos ou até mesmo propor objetivos ao grupo.

O docente deverá ficar atento e utilizar de forma estratégica o recurso do Facebook de colocar no topo da *timeline* as mensagens mais recentes. Ele deverá perceber o interesse do grupo pela discussão e, ao utilizar a estratégia de comentar para retomar uma discussão anterior, deverá fazer sempre na perspectiva de levantar novos questionamentos ou trazendo informações recentes que possam contribuir com um melhor entendimento e/ou mudança de concepção por parte de alguns membros.

Assim, os docentes devem ficar atentos aos tipos de estímulos aos quais são necessários para atrair seus discentes e qual tipo de linguagem se adéqua melhor a cada conteúdo. Ele tem que sentir o comportamento do grupo para não tentar forçar ou descaracterizar a proposta, esperando o comportamento do grupo nas primeiras

postagens e comentários, pois o comportamento dos discentes pode ser diferente no espaço virtual do demonstrado em sala de aula presencial.

Cabe a esse docente estar inserido nas práticas da Cibercultura, em que compartilhar e remixar são ações importantes para uma colaboração e integração dos discentes, sendo que geralmente essas práticas não fazem parte dos seus métodos atuais. São essas práticas do colaborar e remixar que irão alimentar a Inteligência Coletiva, fazendo com que o papel do professor passe a ser de um curador do conhecimento, utilizando a potencialidade das redes para ampliar as possibilidades de aprendizagem.

Referências

CROOK, Charles. **Ordenadores y aprendizaje colaborativo**. Traducción de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, 1998.

KIRKPATRICK, David. **O Efeito Facebook**: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Tradução Maria Lúcia de oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LÉVY, Pierre. **A inteligência Coletiva** - por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: 34, 2010.

OXFORD, Rebecca L. **Cooperative Learning, Collaborative Learning, and Interaction**: three communicative strands in the language classroom [online]. The Modern Language Journal, v. 81, n. 4, p. 443–456, 1997. Disponível em: <http://hasherahibrahim.wikispaces.com/file/view/Cooperative+Learning,+Collaborative+Learning+and+Interaction_Three+Communicative+Strands.pdf>. Acesso em: 10 maio 2014.

PANITZ, Ted. **Collaborative Versus Cooperative Learning:** Comparing the Two Definitions Helps Understand the nature of Interactive learning [online]. Cooperative Learning and College Teaching, V8, n. 2, 1997. Disponível em: <<http://home.capecod.net/~tpanitz/tedsarticles/coopdefinition.htm>>. Acesso em: 10 maio 2014.

RECUEIRO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução Roberto Cataldo Costa – Porto Alegre: Artmed, 2000.